

EMPREGO DO *ONDE* EM TEXTOS ESCRITOS: TEXTUAL OU ININTELIGÍVEL? (Usage of *onde* in written texts: textual or unintelligible?)

ABSTRACT

This article presents a reflexive analysis about the textuality or/and non-textuality provoked by the usage of non-canonical *ONDE* (where), in written texts of students and under graduate students of teaching institutions in Campo Grande, state capital of Mato Grosso do Sul. I have taken, as a starting point, the results pointed out by my investigation and the examples taken from the *corpora* selected for the research that has served as a basis for my Master degree dissertation. I have tried, in the light of the studies and the authors to Textual Linguistics, to examine text coherence and text cohesion and to reflect whether these “new” usages, apparently indiscriminate, of *ONDE* is contributing to jeopardize the essential qualities of the text and to lead to a consequent damage for textuality.

Keywords: the word *onde* (where), textuality, cohesion, coherence, written texts.

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise reflexiva sobre a textualidade e/ou não-textualidade provocada pelo emprego do *ONDE* não-canônico, em textos escritos de alunos e acadêmicos de instituições de ensino, na cidade-capital Campo Grande, em Mato Grosso do Sul. Tomo, como ponto de partida, os resultados apontados pela minha investigação e exemplos retirados dos *corpora* selecionados para a pesquisa que tem embasado a minha dissertação de Mestrado. Procuro, à luz de estudos e de autores ligados à Linguística Textual, examinar sobre *coesão* e *coerência* textuais e refletir sobre se estarão esses “novos” empregos, aparentemente indiscriminados do *ONDE*, contribuindo para um afastamento das qualidades essenciais do texto e conseqüente prejuízo para a textualidade.

Palavras-chave: Vocabulo *onde*, Textualidade, coesão, coerência, textos escritos.

INTRODUÇÃO

Todas as vezes que falava às pessoas sobre o tema da minha dissertação de mestrado, especialmente sobre meu objeto de pesquisa – o vocabulo *ONDE* –, era necessária uma longa explicação sobre o meu verdadeiro interesse, pois a questão que lhes vinha à mente era a da tão freqüente confusão entre o emprego de *onde* e de *aonde*. Porém, não era esse o foco da minha investigação.

É curioso como não chamam a atenção das pessoas – a não ser dos estudiosos e professores de Língua Portuguesa – os “novos” empregos e valores que se atribuem, hoje, com significativa freqüência, ao pronome/advérbio *ONDE*, valores e empregos muito diversos dos preconizados pela Gramática Normativa,

bastante distantes do sentido original e canônico. Basta estarmos atentos à fala de jornalistas, apresentadores de TV, professores, políticos, advogados, juízes e de muitas outras pessoas, em todo lugar e situação, com nível elevado de escolaridade ou não, que observaremos frases como estas: “...o assunto é polêmico **onde** podemos perceber...”; “...o autor defende uma teoria **onde** vai desenvolver o argumento...”; “pudemos concluir pelos dados obtidos, **onde** todas as mulheres que relataram ser praticantes de atividade física obtiveram acesso a informações...”

Para a pesquisa sobre “A discursividade do ONDE em textos escritos de alunos e acadêmicos”, tinha, como amostra inicial, 200 textos produzidos por alunos de quatro diferentes níveis escolares (50 textos de cada um): 4^a e 8^a séries do Ensino Fundamental, 3^a série do Ensino Médio e 2^o e 3^o anos do Ensino Superior de dois colégios e duas faculdades, da rede privada e da rede pública. Desse *corpus* inicial selecionaram-se, em cada nível, os textos em que foi empregado o ONDE, normativo e não-normativo, constituindo uma amostra de 72 textos, com 93 ocorrências. Em seguida, procedeu-se a uma segunda seleção, de restrição dos textos em que apareceu apenas o ONDE não-canônico, também por nível escolar, perfazendo um total de 57 ocorrências que serão a base da análise e reflexão que apresento neste artigo.

A tipologia textual e os temas apresentados nos textos selecionados foram variados: narrativas espontâneas, dissertações sobre drogas, gravidez na adolescência, globalização e desemprego, profissionalismo e mercado de trabalho e, ainda, relatórios e resenhas de leituras.

O REFERENCIAL TEÓRICO

O comportamento do ONDE, no português atual e nos textos que constituíram a amostra da pesquisa a que se refere este trabalho, é bastante singular, polissêmico, funcionando, sim, como advérbio, pronome relativo e pronome interrogativo, mas assumindo e, cada vez mais, sentidos diferentes daquele original e mais comumente usado – o de lugar. Nessa variedade de novos empregos encontram-se: um valor espacial dentro do próprio texto, um de tempo e, num grau maior de abstratização¹, um de conector anafórico-discursivo e um de não-fórico, apenas textuais, com perda significativa do sentido original de locativo.

Conquanto alguns desses usos remontem ao português arcaico dos séculos XII a XVI; ainda que essa variedade seja fruto de mudanças naturais e previstas

¹ Corresponde, no processo de gramaticalização, a quando uma forma gramatical se torna mais gramatical. *Mais gramatical* significa *mais abstrata*. No caso do ONDE, grau maior de abstratização será, por exemplo, a passagem da forma da gramática para o discurso, para o texto.

em uma língua dinâmica e que o ONDE, conforme também observado em trabalhos anteriores ao meu, esteja passando pelo processo de Gramaticalização², o que nos preocupa e chama a atenção é a frequência com que os alunos e, de modo especial, os acadêmicos, estão usando indiscriminadamente esse vocábulo em seus textos escritos. Aparentemente esses alunos têm perdido a noção de sentido e de função do vocábulo. Além disso, a intensidade com que ocorre num mesmo texto, às vezes num mesmo parágrafo, parece sinalizar empregos aleatórios, escolhas arbitrárias, indiferentes à importância que deve ser dada à textualidade. Recentemente fiz parte da banca examinadora de uma Monografia cujo texto era exageradamente marcado pelo ONDE não-canônico, muitos deles absolutamente sem sentido. É aqui que reside o foco deste artigo: até que ponto a textualidade tem sido observada e mantida em alguns textos com esse emprego indiscriminado do vocábulo.

Como explicar o emprego do ONDE em um texto escrito, como este: “Mesma coisa as drogas, você começa a usar apenas por diversão e não se dá conta. *Onde* você vai parar num hospital, uma clínica ou pode ser morta” [F2FP2-18]³, a não ser pelas relações de sentido entre os enunciados, portanto, no interior do próprio texto? Que função, que sentido desempenha, aí, o item ONDE? Nesta situação, já perdeu muito de seu sentido original de espaço físico, tornou-se vazio de significado e passou a funcionar como um elemento de ligação, como um recurso para estruturar o discurso, como uma estratégia para organizar as idéias. Estamos, então, diante de um ONDE, marcador lingüístico de coesão que, entretanto, não garante umnexo necessário a um texto?!

A teoria que pensamos poder dar conta dessa explicação foi a Lingüística Textual, ou Teoria do Texto, ou, ainda, Lingüística do Texto, conforme é diversamente denominada pelos autores. A fim de sustentar uma explicação para alguns empregos do ONDE, observados nos textos analisados, recorreremos aos estudos de alguns clássicos dessa teoria, como Halliday (1976, 1978, 1985), Halliday e Hasan (1976), Koch (1990), Koch & Travaglia (2002), Fávero & Koch (1998), van Dijk (1996), e Marcuschi (1999).

Partimos de uma concepção sobre a teoria de base, e a encontramos em Marcuschi (1983, p.12), por exemplo, para quem Lingüística Textual

² Um dentre os vários processos de mudança lingüística, em que um item, se lexical, passa a ser gramatical; se gramatical, torna-se mais gramatical ainda. Traugott e Heine (1991) apresentam uma escala representativa do processo de abstratização por que passam os itens lingüísticos (como parece acontecer com o ONDE) no percurso de gramaticalização: *espaço > tempo > texto*.

³ Codificação dos textos constituintes da amostra em relação ao nível escolar, sexo, instituição de ensino e número do texto na amostra.

é o estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a *coesão superficial* ao nível dos constituintes lingüísticos, a *coerência conceitual* ao nível semântico e cognitivo e o *sistema de pressuposições e implicações* a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções.

Neste ponto, é necessário lembrarmos que *texto* “consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão” (FÁVERO e KOCH, 1998, p.25) e que *textualidade* é, pois, o conjunto de características que contribuem para que um texto seja texto, e não simplesmente uma seqüência de frases.

É interessante que se observe o que consta nos PCNs a respeito de texto:

(...) O discurso, quando produzido, manifesta-se lingüisticamente por meio de textos. Assim, pode-se afirmar que o texto é o produto da atividade verbal oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja a sua extensão. É uma seqüência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Esse conjunto de relações tem sido chamado de textualidade. Dessa forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, quando possui textualidade. (PCNs – EF, p. 25).

A partir daqui, dever-se-iam ser levados em conta diversos elementos ou fatores responsáveis pela textualidade: coesão, coerência, informatividade, intencionalidade, intertextualidade, aceitabilidade, situacionalidade. Entretanto, neste trabalho levam-se em conta os fatores *coesão – responsável pela unidade formal do texto* e *coerência – responsável pela unidade de sentido*, suficientes para que se analise, em alguns textos nos quais foi empregado o ONDE não-canônico, se a textualidade foi observada, garantida, ou não.

A maioria dos autores, e de nós, professores de Língua Portuguesa, considera coeso o texto em que as partes referem-se mutuamente, só fazendo sentido quando consideradas em relação umas com as outras. No interior de um texto devem existir elementos que são empregados para estabelecer uma ligação entre as partes, isto é, elos significativos que confirmam conexão entre as partes do discurso.

Concordamos, também, que um texto é coerente quando não apresenta contradição de sentidos entre suas passagens, quando existe continuidade semântica, quando uma idéia ajuda a compreender a outra criando um sentido global ao texto, **independente da sua extensão**⁴, como ressaltam Koch & Travaglia (2002, p. 8).

⁴ O grifo é nosso, a fim de chamar a atenção sobre essa propriedade, em relação aos trechos que compõem os exemplos apresentados neste trabalho, retirados do *corpus* da pesquisa realizada. A coerência está sendo observada e analisada em trechos curtos nos quais o ONDE não-canônico foi empregado.

Entretanto Marcuschi (1983) observa que a coesão não será condição necessária nem suficiente para a criação de um texto, uma vez que tanto existem textos construídos sem recursos coesivos, cuja continuidade se dá em nível de sentido e não das relações entre os constituintes lingüísticos, quanto há aqueles em que, mesmo ocorrendo uma seqüenciação coesiva, os fatos são isolados e, por isso, não há condições suficientes para se ter um texto. Ou seja, tanto é possível que se construam textos conexos sem coerência, quanto é possível que haja textos coerentes sem coesão.

Os textos de alunos e acadêmicos, em sua maioria argumentativos formais, parecem apresentar mais recursos coesivos empregados para explicitar as relações textuais subjacentes, de acordo com o que dizem Koch & Travaglia (2002, p.61-62). Muitas vezes esses alunos esforçam-se para construir textos coerentes e coesos, mas nem sempre conseguem devido a problemas de emprego dos elementos coesivos. Parece ser este, o caso de alguns textos selecionados para a minha pesquisa, como este, retirado do *corpus* analisado: “Como Secretária Executiva, consigo desempenhar funções que vão além do esperado, pois sou uma pessoa dedicada e organizada, **onde** consigo executar o meu trabalho com muita eficiência. [AFP2-67]” e ainda este: “Buscamos hoje entender porque (*sic*) há desentendimento entre pais e filhos, **onde** todos temos que viver em harmonia... [GMP2-28]”. Pode ter havido a intenção dos emissores de que os textos fossem coerentes e coesos o que, entretanto, parece não ter sido alcançado com sucesso devido ao emprego de um elemento (onde) que não satisfaz à conexão das proposições.

No primeiro, a relação é, nitidamente, de causa, para a qual a coerência seria estabelecida, por exemplo, pelo elemento conector **por isso**. Trata-se, portanto de uma *incoerência sintática*, tal como a classificaria van Dijk (1996 *apud* KOCH e TRAVAGLIA, 2002), cujo recurso não foi adequadamente empregado, provocando, por sua vez, uma *incoerência semântica*, ou seja, uma não-combinação de sentidos das idéias. No segundo, a relação parece ser de consequência, para a qual o elemento conector ideal seria, por exemplo, **uma vez que**. Esses exemplos demonstram que nem sempre a coesão é suficiente: há seqüências lingüísticas coesas, no entanto o receptor não consegue estabelecer um sentido que as faça coerentes.

Neste ponto do nosso estudo surge um impasse: as divergências sobre a existência de um “não-texto”. Para Charolles (1988), por exemplo, não existe texto incoerente em si, já que é sempre possível imaginar um contexto que venha a fazer sentido, considerando a coerência como um princípio de interpretabilidade do discurso. Entretanto, a violação em alto grau, por parte do produtor de um texto, no uso dos elementos lingüísticos e estruturais a ponto de o receptor não conseguir estabelecer o seu sentido, seria caso de um texto impossível, dada a incoerência desse texto em si, a contradição de sentidos entre as partes, o desrespeito às relações de sentido entre os significados e, ainda, em consequência

do mau uso extremo do código lingüístico. Desta forma, é importante notar que a legibilidade de certos textos é menos prejudicada pela ausência de marcas coesivas do que pelo emprego inadequado dessas marcas.

É relevante, também, dentro deste estudo e dessa teoria, referirmo-nos a um dos principais fatores de coesão - a referência, ou seja, aos aspectos fóricos.

Existem palavras na língua que não podem ser interpretadas por si mesmas, mas que têm a função de fazer referenciação. São palavras **fóricas** (do latim *fero*, “levar” e grego *phero*, “trazer”), pois remetem a algum outro elemento e compõem a “teia do texto”, base da coesão textual. Os elementos de referência são os itens da língua que, não podendo ser interpretados semanticamente por si mesmos, remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação. São Halliday e Hasan (1976) que oferecem o estudo.

No estudo sobre a foricidade das palavras encontramos a **exófora** – a remissão que é feita a algum elemento da situação comunicativa, discursiva, para um referente que está fora do texto, que foi reconhecida em 20% (18/93) dos textos analisados. Quando o referente se acha expresso dentro do próprio texto, temos a **endófora**, possibilitando duas situações: com referente precedendo o item coesivo, há a **anáfora**, cujo papel principal é recuperar um elemento que já estava no texto, tendo sido observada em 60% (56/93) dos textos. Com referente após o item coesivo, acontece a **catáfora**, que aponta para um termo que ainda vai aparecer, percebida em 5% (5/93) dos textos selecionados para a pesquisa. Entretanto, o percentual que chama a atenção sobre o que estamos apresentando neste trabalho, encontrado em nossa pesquisa, é o representativo do emprego do ONDE em arranjos **não-fóricos**, ou seja, atuando sem um referente explícito ou latente, como um mero articulador coesivo.

Esse grupo representa 15% (14/93) do *corpus* analisado. Não deixa de ser um percentual significativo, levando-se em conta que este é o grupo no qual se observaram mais acentuadamente as dificuldades de compreensão e de textualidade, relativamente à coerência e à coesão e, ainda, pelo fato de se somarem a ele alguns percentuais, dentro dos anteriores, de textos que, conquanto apresentassem elementos referentes do ONDE, explícitos ou latentes, incorreram em incoerências e em não-conectividade.

A ANÁLISE

Muito embora, na observação e análise da coerência, deva-se levar em conta o texto como um todo, e conquanto essa questão, como já vimos anteriormente, suscite divergências de tratamento, detenho-me em verificar, no *corpus* da minha pesquisa, sobre a coerência e a coesão tão somente e especificamente nos trechos da amostra em que se observou o emprego do ONDE não-canônico. Assim, encontrei trechos “coesos e coerentes”, “coerentes

mas não coesos”, “coesos mas não coerentes” e, ainda, “nem coesos e nem coerentes”. Dentre os da primeira categoria a textualidade foi garantida. Nos das duas categorias seguintes observou-se um certo prejuízo na textualidade por conta da presença de recursos coesivos interfrasais não suficientes para garanti-la. Já na última categoria detectamos problemas de inteligibilidade por “infração” textual dos recursos coesivos que tornaram “irregular” a seqüência em que ocorreram.

Tradicional e canonicamente, o ONDE, no interior do texto, pronome ou advérbio relativo, é sempre anafórico, referente a um termo ou elemento antecedente: “Esta noite o aquecimento do edifício *onde* moro não funcionou” (NEVES, 2000). “A cidade *onde* nasci fica no Maranhão” (FARACO e MOURA, 1992, p. 306). No estudo sobre o emprego do ONDE em textos escritos de alunos e acadêmicos, ao lado do valor original, canônico⁵ – elemento anafórico que recupera um termo referente a espaço físico – encontraram-se valores atribuídos ao item diversos dos prescritos pela gramática normativa.

Percebeu-se, primeiramente, uma atuação do item como advérbio relativo, elemento anafórico, recuperando um termo da sentença que o precede, mas sem referência a *lugar em que*, como se exemplifica em (1) e (2):

(1) Entretanto aparece no artigo um comentário interessante *onde* uma professora de origem indígena diz que... [AMP2-55].

(2) ...nos anos 40 a 80 foi as piores décadas, *onde* muitas indústrias faliram por causa das dívidas... [GFP2-37].

Encontrou-se, também, como nos exemplos (3) e (4), o ONDE atuando como um conector que, além de item anafórico, responsável pela retomada de um referente, estabelece relações diversas: de explicação/justificação, causa/conseqüência, proporcionalidade e de mediação entre as proposições:

(3) A crise econômica brasileira causa medo e transtornos devido estabilidades na qual o país vem sofrendo *onde* aumenta os preços, menos o salário... [GFP2-31]⁶

(4) A pessoa hoje em dia que quer e procura uma colocação no mercado de trabalho deve criar sua própria propaganda, que se chama Marketing Pessoal, *onde* apresenta suas qualidades e convence o contratante... [AFP2-59]

Pode-se afirmar, a partir desses trechos, que o ONDE é um item remissivo, que retoma não um elemento, mas a idéia expressa na proposição que o precede, ao mesmo tempo em que funciona como conector, relacionando essa idéia com

⁵ Terminologia que estamos empregando para o ONDE em seus valores e funções próprios da prescrição gramatical

⁶ Mantiveram-se as falhas gramaticais constantes nos textos originais retirados do *corpus*.

a informação que vem a seguir, semântica e/ou pragmaticamente. Os trechos constituintes dos exemplos apontados até aqui podem ser considerados “coerentes e coesos”.

Em alguns trechos pode-se perceber, ainda, o ONDE atuando sem um referente explícito, não identificável no texto ou com um referente ambíguo que ocasiona dificuldade de interpretação ao receptor/leitor. É difícil, nesses casos, uma substituição possível que favoreça a melhor articulação das passagens. E aqui começa a emergir o foco da questão que me proponho analisar e sobre a qual sugiro uma reflexão. Vejam-se os exemplos (6) e (7):

(6) O texto tem informações importantes *onde* cabe ao leitor pensar sobre o tema. [AFP2-66].

(7) O artigo trata de um criminoso *onde* as autoridades negam sua volta ao Rio de Janeiro. [AFP2-65].

(8) Mesma coisa as drogas, você começa a usar apenas por diversão e não se dá conta *onde* você vai parar num hospital, uma clínica ou pode ser morta. [F2FP2-18].

Percebe-se em (6) que o ONDE não está integrado sintaticamente à sentença a que pertence, funcionando tão somente como um articulador que estabelece uma relação coesiva entre as proposições. Sua retirada não traria prejuízo algum, tanto sintática, quanto semanticamente; em seu lugar, o melhor até seria o emprego de um ponto ou de um ponto-e-vírgula.

Em (7) pode-se interpretar que o item estaria, como conector, relacionando segmentos do texto e, como forma remissiva, estaria se referindo tanto a artigo, quanto a criminoso, causando ambigüidade. Em (8) é possível observar-se que não existe um referente expresso ou latente. Como se pode verificar, através desses exemplos, o emprego do ONDE aponta para uma ampliação do seu campo de atuação, como elemento que tenta promover o encadeamento dos enunciados – um conectivo textual que estabelece relações textuais/discursivas entre eles. Dessa forma, poderemos pensar em trechos “coesos mas não coerentes”, já que não respeitam os princípios lógicos elementares que caracterizam a coerência e uma vez que as proposições não parecem compatíveis entre si .

Observem-se, agora, exemplos encontrados de trechos aparentemente “coerentes mas não coesos”:

(9) Logo, é vital que se consiga um meio de sustentação para se alimentar, se vestir e até mesmo para se divertir. *Onde* se precisa de dinheiro, e cada dia mais dinheiro. [GFP2-42]

(10) E você responde não, e se você não usa (**drogas**) fala que é careta que você não vai ser amigo deles, *onde* você vai lá e usa e acaba se viciando. [F2MP2-20]

(11) ... a família se vê obrigada a se adequar a dura realidade dos tempos modernos. Onde o pai e a mãe precisam passar muitas horas longe dos filhos... [GFP1-40]

Podemos perceber, nesses trechos, que não há falhas graves com relação à coerência, componente decisivo da textualidade, uma vez que se consegue detectar um pensamento lógico relativo às proposições e às idéias contidas nelas, cuja coesão, entretanto, apresenta deficiência causada pela escolha imprópria do conector, nesse caso o ONDE. Note-se que em (9) e em (11), sem prejuízo da coerência, pode-se retirar essa partícula de coesão.

Mas, o que nos preocupa mesmo é a tendência, já bastante percebida, de um uso abusivamente indiscriminado do vocábulo em questão, caracterizando não mais um “curinga”, como o considera Possenti (2001), e sim uma “muleta” empregada, aleatoriamente, em textos aparentemente “nem coerentes, nem coesos” como este: “Sabendo que a taxa de desemprego brasileira gira em torno de 8%, fica evidente que o que está faltando é mão de obra qualificada, pais menos atentos aos estudos dos filhos tendo que se preocupar com o futuro financeiro, *onde* nossa economia ossila todos os dias” [GMP2-34].

Ainda que, em relação à amostra que tínhamos para análise, a quantidade de ocorrência desse tipo seja pequena, a verdade é que trechos com características semelhantes já se tornam bastante freqüentes e, o que é mais pertinente, com incidência acentuada nos textos de vestibulandos (3º ano do Ensino Médio) e de acadêmicos.

Interessante foi observar que o afastamento da textualidade, da noção de coerência e coesão começa a se dar, pela análise, a partir da 8ª série do Ensino fundamental, exatamente no momento em que se começa a impor ao aluno um “adestramento empobrecedor que o leva a acreditar que escrever se reduz ao exercício enfadonho de preencher 30 linhas em 50 minutos, no único esforço de enquadrar num modelo prévio palavras e idéias que têm chance de agradar ao professor” como afirma Costa Val (1991, p. 127). Registre-se, a propósito, que nos 16 dos 50 textos de 4ª série do Ensino Fundamental, coletados para a amostra e nos quais o ONDE foi empregado, apenas **um** não apresentava as qualidades necessárias à textualidade. Os outros 15, além de possuírem essa qualidade essencial, apontavam um emprego canônico do conector. Nas 6 ocorrências dos 50 textos de 8ª série, embora em nenhuma delas aparecesse o ONDE “normativo”, 4 se enquadravam no padrão funcional e textual, com valores de espaço discursivo e de tempo e 2, inclusive já registrados anteriormente, encontravam-se fora do padrão de textualidade. Diante desses fatores observados, a que conclusão podemos chegar e que reflexões deveremos fazer?

CONCLUSÃO

Os resultados da minha pesquisa apontaram que alguns professores de Língua Portuguesa, aparentemente adeptos, também, do uso indiscriminado do ONDE, aceitam esses “novos” valores, adotando, quando da ocorrência deles

nos textos dos alunos, uma postura menos tradicional, mais funcionalista, dispendo-se a abordar em aula a dicotomia *uso/norma*.

Até aí, tudo bem, ótimo, bastante funcional, mas não deixa de ser motivo de nossa atenção, e até de preocupação, que nossos alunos, mesmo levados pela efetividade do processo de mudança e de regularização dos diversos valores do ONDE, se distanciem tanto do valor canônico do vocábulo, que continuem chegando ao Ensino Superior, à Pós-Graduação, ao Mestrado e até ao Doutorado construindo textos como este: “Um exemplo de *Marketing Pessoal* hoje no Brasil, é o nosso presidente Lula da Silva, **onde** depois de cinco eleições, conseguiu a tão sonhada vitória...[AFP2-59]”; “...ele exemplificou uma separação, os pais **onde** quando se casam pensam que é para sempre, mas não. [AFP1-57]” ou, ainda como estes, observados em meus trabalhos de revisão textual: “Podemos concluir pelos dados obtidos, **onde** todos os informantes que relataram ser praticantes de atividade física obtiveram acesso a informações...” (Dissertação de Mestrado) e “Esses processos caracterizam o envelhecimento da estrutura óssea *onde* Okuma (1998) descreve os fatores do envelhecimento.” (Tese de Doutorado).

Ao que parece, pela frequência e intensidade com que aparece nos textos escritos de alunos e acadêmicos (e na fala de muita gente “boa”), o ONDE passou a ser realmente um “curinga” que se tem à mão para se descartarem estruturas mais complexas, como as que se fazem com outros pronomes relativos: “de cujo”, “com cujo”, “para o qual”, “por que” “em cujo” e outras construções. Poderá se tratar, também, de um conector universal que resolve todos os males, tal qual era, até há pouco tempo atrás o “QUE” ou, ainda, tratar-se-á de um uso lingüístico que passa “em rede”, de grupo social para grupo social, de comunidade para comunidade, de geração para geração. Deve-se refletir, por isso, que à medida que se dá a “exogamia”, ou seja, o afastamento do lar, mais o ser humano se insere nessa “rede” social e acaba falando como vive.

Estarão os alunos (e as pessoas de modo geral) se dando conta do quanto e de como estão empregando o ONDE em seus textos? Instrumentos da minha pesquisa, aplicados para verificação dessa questão, apontam que não. E sobre essa verdade, precisamos repensar nossa prática de docentes de Língua Portuguesa, a fim de encontrarmos o melhor caminho, o melhor método, a forma mais eficaz de não abusarmos da condenação dos usos e considerarmos a língua “como um sistema maleável, dinâmico, que não pode ser simplesmente enquadrado em regras estanques e pré-determinadas” (OLIVEIRA, 2000), nem permitirmos que se percam, demasiadamente ou definitivamente, os valores essenciais à comunicação escrita.

Para onde vai o ONDE? Certamente ele irá aonde o uso o levar. Acredita-se que não deva ir tão longe, a ponto de causar grandes prejuízos à integridade lingüística. Deve-se cuidar para que o uso abusivamente despido de qualquer sentido não passe a ser aceito pela comunidade de tal modo que a ininteligibilidade venha a se tornar uma nova possibilidade da língua.

REFERÊNCIAS

- CHAROLLES, M. (1988). Introdução aos problemas da coerência dos textos (abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas). **O texto: leitura e escrita.** (Org. e revisão técnica da tradução: Galves, C., Orlandi, E. P., Otoni, P.). Campinas: Pontes.
- COSTA VAL, M. da G. (1991). **Redação e textualidade.** São Paulo: Martins Fontes.
- FARACO, C. E. & MOURA, F. M. (1998). **Gramática.** 6. ed. São Paulo: Ática.
- FÁVERO, L. L. (1991). **Coesão e coerência textuais.** São Paulo: Ática.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. (1998). **Linguística textual: introdução.** 4.ed. São Paulo: Cortez.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985). **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (1976). **Cohesion in English.** London: Longman.
- HALLIDAY, M. A. K. (1978). As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística.** São Paulo: Global.
- HALLIDAY, M. A. K. (1976). Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística.** São Paulo: Cultrix.
- KOCH, I. V. (1990). **A coesão textual.** 2 ed. São Paulo: Contexto.
- KOCH, I. V. e Travaglia, L. C. (2002). **A coerência textual.** São Paulo: Contexto.
- KOCH, I. V. e Travaglia, L. C. (1993). **Texto e coerência.** 3. ed. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L. A. (1983). **Linguística do texto: o que é e como se faz.** Recife: UFPE, Série Debates 1.
- MARCUSCHI, L. A. (1999). **O processo de referenciação na produção discursiva.** In: da Hora, D., Christiano, E. (org.) **Estudos Linguísticos: realidade brasileira.** Joao Pessoa: Idéia, p.219-229.
- NEVES, M. H. de M. (2000). **Gramática de usos do português.** São Paulo: Edit. UNESP.
- NEVES, M. H. de M. (1997). **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes.
- OLIVEIRA, L. de A. B. (2000). A trajetória de gramaticalização do *onde*. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. **Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista.** Natal: EDUFRN, p. 171-210.
- POSSENTI, S. (2001). **A cor da língua e outras crônicas de linguística.** Campinas: Mercado de Letras/ALB.
- VAN DIJK, T. (1996). **Cognição, discurso e interação.** São Paulo: Contexto.

